

GUERNESEY.

Dizem os inglezes que Jersey e Guerneseey são duas verdadeiras miniaturas normandas; porque tudo n'ellas recorda estas regiões, já pelas fer-teis pastagens que cobrem o seu solo granitico de espessa verdura, já pelas extensas fieiras de arvores que bordam suas estradas, já finalmente pelos innumerables rebanhos que divagam nas suas campinas. Se a Normandia é franceza de coração, estas duas ilhas são inteiramente inglezas: amam a Inglaterra e a sua graciosa rainha, e a visinhança tão proxima da França não tem sobre ellas nenhuma influencia, como em diversas epochas o mostraram pela sua resistencia ás tentativas que os francezes tem feito para se apossarem d'ellas. Conservam com-tudo as tradições do tempo em que a Norman-dia fazia parte de Rollon. N'essa epocha as duas ilhas seguiram fielmente Guilherme o Conquis-tador quando se foi apoderar da Inglaterra; e desde então ficaram pertencendo á corôa bri-tanica sem comtudo quererem perder coisa al-guma da sua identidade. Suas instituições, po-der legislativo, e judiciario, exercidos simples-mente sob a vigilancia do governo inglez, at-estam bem este caracter pessoal.

Jersey dista trinta leguas d'Inglaterra, e cin-co unicamente da França, e quando a ella se aborda pelo lado do sul apresenta pittoresco as-pecto. Primeiro attrahe a vista pelo seu castello, erguido sobre uma massa de granito, contra a qual se vae quebrar o mar: d'ahi se deixa ella descair d'aquellas alturas sobre o porto de Saint-Hellier, bordado d'uma linha de bellas construcções, por traz das quaes se vêem as col-linas que encerram o valle onde a cidade está assentada. Muitas correntes e arêas movediças

tornam difficil o accesso áquella ilha pelo lado norte, mas os seus rochedos são pittorescos.

Jersey tem cerca de vinte e um kilometros de comprimento, sobre quinze de largo. Para ir d'esta ilha a Guerneseey bastam horas. Esta se-gunda tem um bello caes que dá para a rua principal, com casas dispostas em amphitheatro na collina que descae sobre o mar. Pode cha-mar-se-lhe a fortaleza da Inglaterra na Man-cha.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

VIII

PRIMEIRO FIO DA TEIA

Continuação

— A grande fortuna (continuou Vaz Gil) de Aldonsa Peres é muito conhecida na côrte, e mais particulares informações d'ella tinha D. Gil, por via do judeu Samuel, com quem a casa de vossa tia anda entrelaçada em negocios.

«Grossa somma de contado deve o fidalgo ao judeu usurario; e como aquelle na vida dissoluta e libertina que passa tem gasto toda a herança de seus paes, a conselho de Samuel lançou olhos de cubiça para a mão de vossa prima.

«Por pessoa que visita vossa tia mandou-se-lhe fallar n'esta união, com avantajadas promessas de esplendida posição na côrte, o que em animos plebeus é facil de influir; mas Al-

(*) Do n.º 7.

donsa Peres, louvado Deus, é mulher de tino, e não se deslumbra facilmente com as illusões da fidalguia mundana; conhece o valor que tem o dinheiro para dar a felicidade n'uma vida mediocre, e assusta-se dos perigos a que elle expõe n'uma elevada posição. Assim não respondeu logo de prompto ao mensageiro, a quem pediu tempo para considerar; e com o padre Gaspar se foi entender, e pedir conselho sobre o caso.

O padre Gaspar é, como sabeis, de ha muitos annos o confessor de vossa tia, e priva com ella a mais não poder ser, por certas affeições de familia que o vulgo não bem explica, mas que se prendem segundo affirma em sentimentos puros e honestos. O confessor indagou portanto de vossa tia se acaso não havia ella pensado ainda em casar a senhora Beatriz. A boa velha respondeu que nem em tal cuidara, mas que em todo o caso vos preferia, não só por serdes do mesmo sangue, como por ficar assim toda a fortuna na familia.

O confessor fez notar então que egualmente com esses seus desejos ia o bem estar do coração de vossa prima, porque em suas visitas observara a mutua affeição que um a outro vos prende; e aconselhou-a a rejeitar a proposta de alliança do fidalgo, fazendo-lhe antever que se elle a buscava não era porque o amor tomasse parte n'ella, e só a cubiça. Narrou-lhe quanto sabia da vida dissoluta de D. Gil, encobrendo-lhe comtudo as suas mais negras acções, para que semelhante relação não manchasse os piedosos ouvidos de tão virtuosa creatura.

N'estes termos a senhora Aldonsa Peres respondeu depois ao mensageiro do fidalgo, quando de novo a procurou para conhecer sua resolução, que se despersuadisse da alliança, porque nunca seria possível; e mantendo-se sempre n'uma prudente reserva, não lhe desinvolveu os motivos da recusa, por mais que o terceiro a buscasse saber.

Dada esta resposta a D. Gil, communicada foi logo a Samuel, que não a comprehendendo bem, buscou o motivo da repulsa em alguns amores de vossa prima. Como sagaz e astuto induziu o fidalgo a tomar por confidente na empresa a algum dos seus criados, que a pretexto de amorosa paixão com a criada de vossa tia soubesse assim quem era a pessoa que a senhora Beatriz amava.

Foi bem succedido o estratagemma, que tudo lhe contou a criada de quanto sabia da filha de sua ama; e posto tudo assim no conhecimento do judeu, tramou-se a conspiração de que acabas de ser salvo.

Era o fim, como vos disse, reter-vos distante, e renovar os ataques contra vossa tia; e se não se lhe vencera a obstinação, nem se conseguisse de vossa prima, pelo receio de serdes condemnado nos carceres da inquisição, casar-se com o fidalgo, tentar-se-hia então um golpe de violencia, arrebatando-a de casa, fazendo-se es-

palhar rumores de deshonor, que poderiam depois ser desmentidos com a verificação do casamento.

Os homens mais resolutos para a empresa aprestou-os Samuel, e n'este numero entrava o criado de D. Gil, que, sendo meu parente, francamente me confiou quanto se projectava, e assim o vim a saber como de começo o presumira.

O que se passara entre vossa tia e o padre Gaspar, o soube d'este, a quem fui avisar do perigo que corria a familia da senhora Aldonsa Peres. Recommendou-me discrição, encarregou-me de preparar os homens e a barca que depois vos libertaram, e pela sua entrada no paço foi obter a ordem que devia pôr D. Gil a recato até se deliberar no caso com a consciencia de bom exito.

O que depois se passou vós o sabeis. Confesso-vos que arreceámos não chegar a tempo de vos salvar; mas a providencia do padre Gaspar velava incansavel sobre vós, e bem calculara elle as horas, porque felizes fomos em arrancar-vos das garras do fidalgo.

Agora, senhor Simão Rodrigues, tenho pago a minha divida de serviço com serviço, porém ainda não a de gratidão, porque a recompensa do bem que me fizestes, essa pertence a Deus.

Simão Rodrigues apertou affectuosamente a mão do revendão; e como n'esse momento lhe viessem á memoria as palavras de Beatriz, de que pela acção que praticara ella esperava-lhes viria bem, sentiu arrasarem-se-lhe os olhos de lagrimas, pensando na justiça de Deus, que nunca deixa de premiar as boas obras, e castigar as más.

O desconhecido que com elles entrara em casa era, nem mais nem menos, o criado de D. Gil. Narrou então quanto se passara na casa da rua escusa onde Samuel fazia os seus negocios de tracto illicito; e desculpou-se para com o manco de lhe ter posto mãos violentas quando o apprehenderam.

— Se não fôra assim, disse elle, arriscava-se não chegar a empresa a bom resultado, porque não sendo eu da comitiva não poderia em caso extremo salvar-vos. Vaz Gil contara-me quanto n'esse dia havieis feito por elle, e intercedeu para o coadjuvar e ao padre Gaspar. Contae, portanto, de hoje em diante, com um amigo em mim; e se no padre Gaspar podeis confiar, elle por minha bocca vos previne, que de hoje em diante, mais do que nunca, precisamos de cautela, se bem que para se estar ao facto de tudo é mister que me não despeça do serviço do fidalgo.

Mais algumas pequenas praticas tiveram estes tres homens, sobre o que no caso havia a fazer; e por fim resolveram como mais sensato, a nada procederem sem o aviso e conselho do padre Gaspar.

Continua.

Quando não ha necessidade, o sabio cala, o nescio falla.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Conclusão.

XIX

De como chegou a esta ilha o capitão general Antonio Saldanha, e do que fez, e tempo que n'ella esteve.

Tres ou quatro dias depois de partido o capitão mor Francisco d'Ornellas da Camara, chegou ao porto da cidade Antonio Saldanha, que vinha por capitão general de mar e terra e governador das justiças em todas as ilhas, com quatro caravelas, em que trazia... soldados para render o castello; trazendo em sua companhia Manuel de Sousa Pacheco, fidalgo da casa de sua magestade, que vinha para ficar por governador do castello depois de rendido, e o dito general ser embarcado para o reino.

Chegados aos ilheos os foi um barco reconhecer, e achando o que era, lhes deu novas em como o castello estava por nosso, e os castelhanos aquartelados, e que o capitão maior Francisco d'Ornellas era partido para Lisboa, a dar a nova a sua magestade. Nova foi esta (conforme se disse) de grande pena para o dito capitão general, por lhe escapar a honra que d'esta jornada podia tirar, sem n'ella ter mais trabalho que passar de Lisboa á Terceira; mas Deus que tudo vê, como recto juiz que é, a deu aos que a tinham merecido.

Chegados ao porto ancoraram seguramente, onde foi festejado do castello e da cidade, com artilharia e grandes mostras de alegria. Desembarcado foi recebido da camara com palio, e acompanhado de toda a nobreza (e de muitos murmurado por acceitar o palio, porque ainda que sua magestade escreveu á camara que o recebesse como á sua propria pessoa, por cujo respeito elles lh'o offereceram, sempre se esperou que o não acceitasse). Debaixo d'elle foi levado em procissão á santa sé do Salvador, e n'ella recebido com as ceremonias devidas a semelhante acto; e logo levado ao castello, e entregue das chaves d'elle, começou a governar e dispoz as coisas, como lhe pareceu mais convinha ao serviço de sua magestade, que Deus guarde.

A primeira acção do governo que fez foi pedir as capitulações que com o castelhanao se tinham assentado, e achando que se tinham recolhido no quartel com as armas e peças grossas, e n'elle faziam posta, com que o povo andava inquieto; pelo aquietar, e porque contra estylo se tinham recolhido com ellas, por quanto ao entrar do quartel tinham obrigação de as render, no que se não advertiu, e por isso se recolheram com ellas, lh'as mandou pedir, e replicando o castelhanao arrasoando o capitulado e palavra real empenhada, lhe deu taes razões em resalvo das mesmas capitulações, e pa-

lavra real, que elle as deu e entregou, com que o povo ficou quieto, e para sua segurança mandou pôr guardas portuguezas á porta do quartel, aonde os nossos lhe iam vender tudo por seu dinheiro, e assim estiveram até embarcar.

Logo poz em execução a ordem que de sua magestade trazia para se cunhar a moeda, como cunhou, assim n'esta ilha como em todas as mais, onde mandou para esse effeito o corregedor, e mais pessoas que lhe pareceu.

Deu principio da banda do Zimbreiro a um forte, que se fez abaixo da cortina que estava feita, mais raso com o mar, para que melhor offendesse ao inimigo, se por aquella parte quizesse commetter a fortaleza. Comprou por toda a ilha todos os cavallos, que lhe pareceram de prestimo, de que fez duas companhias de gente de cavallo, e capitão de uma Antonio do Couto de Castro, e da outra a um nobre homem, que com elle tinha vindo. Correu toda a ilha vendo as fortificações d'ella, mandando-as fortificar nas partes que lhe pareceu: chegando á Praia foi recebido como na cidade, o que lhe não fizeram os da villa de San-Sebastião, por tirarem, parece, a occasião da murmuração que tinham ouvido, recebendo-o comtudo como a seu capitão general, com as companhias postas em ordem e salva de mosqueteria.

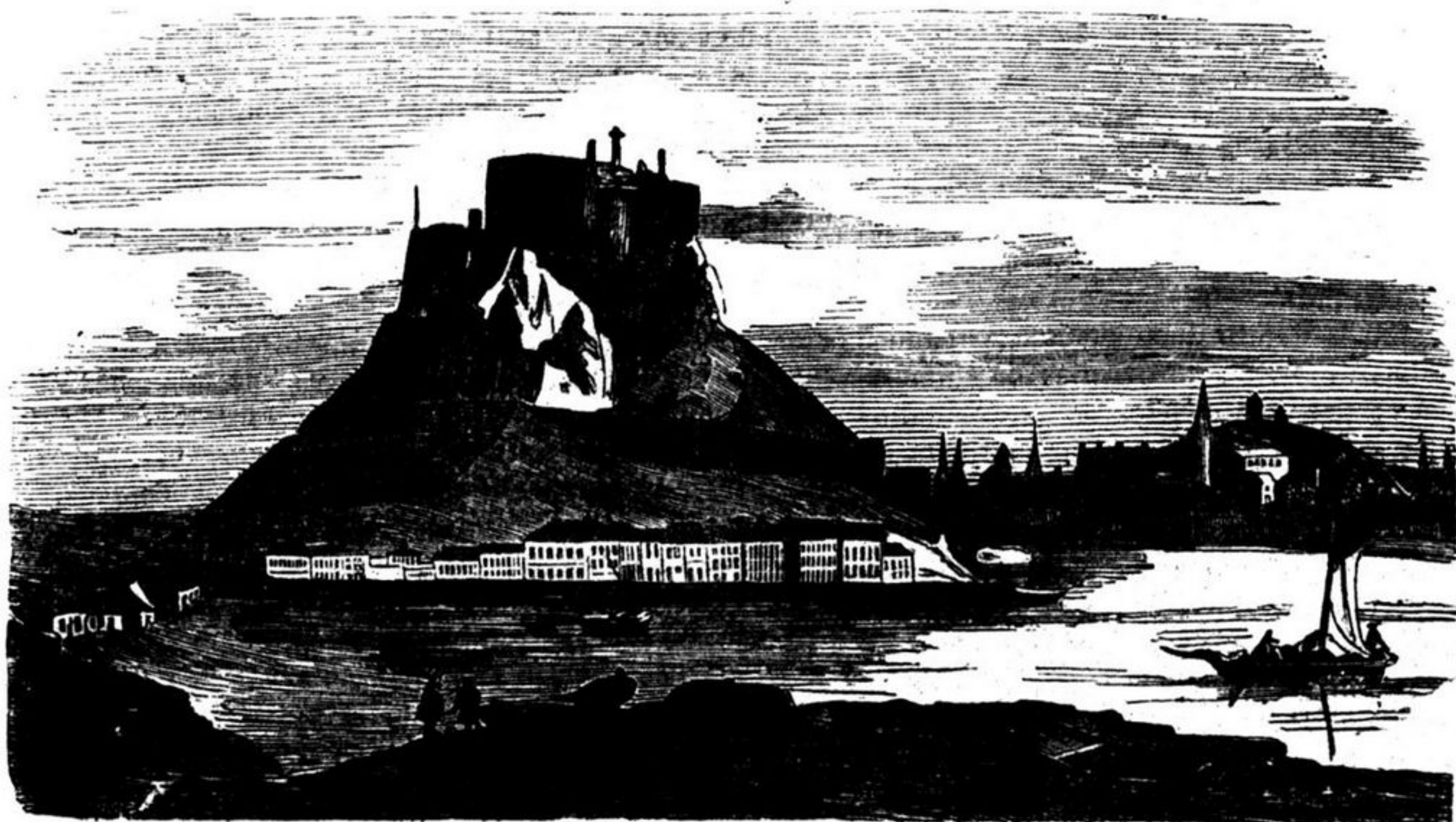
Em 15 de Maio do anno de 1642 embarcou os castelhanos, que aquartelados estavam, em uma formosa nau ingleza, para os botar em a Corunha ou em outro qualquer porto de Castella. Seriam todos os que embarcaram, homens, meninos, e mulheres, como trezentas almas. E assim ficou a terra livre d'elles, e nós de sua oppressão, lançando-os fora d'ella, na qual estiveram os annos já acima ditos, cujos governadores, que por parte de Castella este castello governaram são os que se seguem.

O primeiro, depois de ido o marquez, que rendeu a ilha, que ficou governando o presidio que na terra deixou, que foi de mil soldados, com titulo de mestre de campo, se chamava João de Orbina, que era cavalleiro do habito de Santiago; o qual d'ahi a pouco tempo se foi para o reino, e ficou governando o presidio, por ser capitão mais velho, Diogo Soares.

Logo veio por mestre de campo Antonio de la Pobra, homem já de idade, que falleceu na ilha. Por sua morte succedeu no governo o capitão João de Melibre, sargento mor que era do presidio.

Apoz este, veio por mestre de campo Antonio Senteno, cavalleiro do habito de Malta. Foi seu governo pelo anno de 1599, anno que ardeu a ilha com peste; e por ser muito rigoroso e mau para os portuguezes se fez queixa a sua magestade e o mandou ir.

Para ficar em seu lugar veio Diogo de Miranda Queiroz, homem já de idade. Casou na ilha com D. Joanna, filha de Estevão Ferreira de Mello, e de sua mulher D. Antonia de Lima. No tempo d'este governador mandou el-rei ca-



JERSEY.

tholico (por petição que a cidade lhe fez) ir o presidio, e fazer o castello, em que mandou ficarem quinhentos soldados, e os mais se fossem em uma grossa armada, em que embarcaram em 29 de Maio de 1601, tempo em que o castello se começou, e pelo discurso de annos se poz na perfeição em que hoje está. Intitularam-se os que até ali governavam mestres de campo, e d'ahi por diante se intitularam governadores do castello de San-Filippe, dos quaes foi este o primeiro. Viveu muitos annos, e morreu na ilha muito velho, sem deixar descendentes. Trouxe por seu tenente a um seu sobrinho, por nome Filippe de Espinola, que casou com D. Francisca, irmã de sua mulher, filha dos mesmos paes. Este tenente, andando os tempos, morreu degolado, por mandado de D. Inigo, governador que era do castello, como abaixo se dirá.

Morto Diogo de Miranda e Queiroz succedeu no governo o capitão Francisco de la Rua, casado com D. Brites, natural do Fayal, onde elle tinha estado por cabo das companhias que lá foram.

Logo veio por governador D. Pedro Sarmiento, do habito de Santiago, e o de la Rua foi para o governo de Canarias, ou ilha da Madeira. Trouxe por tenente a um seu irmão, que em sua ausencia (por pedir licença para se ir para o reino) ficou governando o castello, té a vinda do novo governador.

Foi este governador, depois de chegado a Madrid, feito mestre de campo do exercito de Flandres, que era o que desejava; officio em que serviu a sua magestade com muito valor e fama, e no tempo em que esperava maiores despachos o levou Deus.

Logo veio por governador do castello D. Gonçalo Mexia, nobilissimo fidalgo, e muito amigo dos portuguezes. Morreu na ilha, e de todos foi sua morte muito sentida. Por sua morte governou o castello té a vinda de novo governador Alonso Verdejo, que se intitulava sargento mór do castello.

Logo se seguiu por governador João Ponse, homem de muita idade. Trouxe consigo sua mulher e duas filhas. Não chegou a governar dois annos. Morto, a mulher e filhas se tornaram para Castella, e o castello ficou governando o tenente D. Alonso Zimbron, que casou na ilha com D. Antonia Ferreira, filha do provedor Antonio Ferreira de Bettencourt.

Apoz este veio por governador D. Pedro Estevão de Avila. Foi seu tenente o mesmo D. Alonso Zimbron. Este governador foi mandado ir, por capitulos que d'elle deu a cidade.

Para o governo, antes d'elle embarcar, veio D. Inigo, que foi o que degolou a Filippe Espinola, que acima digo, por culpas que lhe formou, o que foi causa de logo o mandarem ir.

Para o posto, antes d'elle embarcar, veio D. Diogo Fajardo, do habito de Santiago, o qual, sendo provido no governo de Buenos-Ayres D. Pedro Estevão d'Avila, de quem o castello era de propriedade, deu-lhe sua magestade catholica a propriedade do dito castello; e porque depois de ser proprietario d'elle, se houve mal com os portuguezes, foi mandado ir, por capitulos que contra elle deram, dizendo-lhe que ia para o governo das Filippinas, mas antes de lá chegar o levou Deus para si.

A este succedeu por governador tambem de propriedade, D. Alvaro de Viveiros, a quem ga-

nhámos o castello, como acima fica dito. Trouxe por seu tenente a João Fernandes que o acompanhou no cerco tão apertado e bem renhido, como atraz fica dito, e com elle se embarcou para Castella, aonde Deus lhe dê conhecimento de quantos males nos fizeram, e a nós graça para que o sirvamos.

Postas as coisas em ordem, e entregue o castello a Manuel de Sousa Pacheco, que para ficar n'elle por governador vinha, como acima se diz, tomando-lhe homenagem o dito general por parte d'el-rei nosso senhor D. João IV, que Deus guarde, o dia em que se havia de embarcar, tendo já toda a armada aparelhada, em 16 d'Agosto de 1642 deu á vela do porto de Angra, para o de Ponta-Delgada, da ilha de San-Miguel, aonde não fez detensa; nem levou cavallos como trazia determinado, nem o dinheiro do cunho, por lhe dizerem estava por marcar, como assim era; e sem desembarcar em terra se fez á vela, e chegou ao reino a salvamento, onde foi bem recebido de sua magestade.

XX.

Dos capitães, e mais pessoas que n'esta guerra serviram.

O capitão mór João de Bettencourt, o capitão mór da Villa da Praia Francisco d'Ornellas da Camara, ambos governadores da guerra por sua magestade.

Capitães de ordenanças.

Diogo do Canto de Castro, Constantino Machado, Henrique Moniz Barreto, João Pacheco de Vasconcellos, Vital de Bettencourt, Hieronimo Fernandes da Fonseca, que tambem servia de sargento mór, por seu pae André Fernandes da Fonseca estar doente, Francisco do Canto de Vasconcellos, Gualaor Borges da Costa, João d'Avila, Balthasar da Costa Pereira.

Capitães de mar.

Manuel Corrêa de Mello, capitão mór da armada, Roque de Figueiredo, capitão d'uma fragata, Matheus de Tavora, capitão de outra, Manuel de Medeiros, que veiu de San-Miguel com alguns homens á sua custa, capitão de um navio, Francisco de Carvalho, almirante.

Titulo dos capitães que levantaram companhias.

João Mendes de Vasconcellos, Diogo Leite, que da ilha de San-Miguel veiu com uma companhia á sua custa, João da Fonseca Chacon, tambem levantou companhia á sua custa. Francisco Pires, que é um dos sete que vieram do reino, Affonso Gomes Peres, que fez um reducto, e n'elle serviu com vinte cinco homens, pagos á sua custa.

Titulos dos capitães das quatro companhias, que se fizeram dos homens nobres.

Diogo do Canto de Castro, Sebastião Cardoso Machado, que tambem servia de tenente do exercito, Francisco d'Andrade Machado, Christovão Borges da Costa.

Titulo dos capitães da Villa da Praia e sua jurisdição, que na guerra assistiram.

Melchior Machado de Lemos, Balthasar Mendes de Vasconcellos, Manuel do Canto Teixeira, Manuel do Canto Vieira, Miguel do Canto Teixeira, Manuel de Ornellas da Camara, Pedro da Costa de Mendonça, da companhia das Lages, Manuel Lourenço Rebello, de Villa Nova. Gonçalo Vaz Diniz, da companhia da Agualva, Gaspar Cardoso Machado, da dos Altares, Melchior Vaz, da dos Biscoitos.

Titulo dos capitães aventureiros.

João Ibre de Lemos, Pedro de Bettencourt.

Titulo das pessoas que n'esta guerra tiveram officios.

Antonio do Canto de Castro, sargento mór do terço; Luiz Cardoso Machado, capitão da artilharia do castello de San-Sebastião; Francisco de Bettencourt Corrêa e Avila, vedor que foi das pagas; Luiz Pereira de Horta, almoxarife dos armazens das armas e munições; Francisco Lopes Guaraveta, ajudante; Pedro Albornos, ajudante; o licenceado Antonio Gomes Paes, auditor do exercito.

ASSUCAR.

Dá-se geralmente o nome de assucar a toda a materia que tenha um sabor doce e agradável; mas o chymico denomina assim as substancias susceptiveis de immediata fermentação alcoolica, isto é, que se podem converter, sem transição, só pela influencia da agua e da fermentação, em espirito de vinho, e em acido carbonico.

Ha quatro especies de assucar, ou materia saccarina; porém hoje trataremos sómente do que se extrahê da canna.

A canna do assucar é uma planta da familia das gramineas, cultivada nos paizes meridionaes, especialmente nas Antilhas e na India.

Cresce de dois a tres metros; o seu diametro medio é de tres a cinco centimetros; a sua tige é pesada, quebradiça, e de verde amarelado quando madura; é cheia d'uma medula fibrosa, esponjosa e branca, que contém succo doce, e muito abundante. Este succo produz-se em cada nó separadamente, de modo que cada

celula se pode considerar como um fructo isolado.

A palavra *assucar* deriva-se da palavra *schar-tara* que, em lingua sanscrita da India oriental, significa succo doce; d'ahi vem o nome de *schakar* que lhe dão os persas, e *schukur*, com que os indios o designam.

Parece que os chins introduziram a canna do assucar na Arabia, pelos fins do seculo XIII. D'ahi passou para o Egypto e para a Ethiopia. Da Sicilia foi ella transportada para a nossa ilha da Madeira, onde se propagou; e d'aqui para o Brazil.

A plantaçao d'esta graminca amadurece dentro de dezeseis para dezoito mezes. Basta quando muito quinze mezes para as cannas que são provenientes de rebentões.

A colheita faz-se cortando a canna junto a raiz com um ferro. Cada tige se quebra depois em dois ou tres pedaços do comprimento quasi de um metro e dez centimetros. Cortadas as cannas, o succo pode soffrer alteraçao; e antes mesmo d'ella ser sensivel, diminue a quantidade de assucar cristalizado que contém; motivo porque só se deve cortar a medida que se precisa operar com ella.

Nas terras bem cultivadas, as plantas podem durar dez a quinze annos; apesar d'isso deve-se annualmente renovar a quinta parte da plantaçao, porque o producto diminue em grande proporçao nos ultimos annos. Algumas vezes se deixa a terra em repouso, reservando-a para pasto dos rebanhos; porém é mais vantajoso alternar a cultura do que deixal-a em pousio, e alimentar a sua fertilidade por meio de adubos.

Succede as vezes atacarem os ratos o cannavial, roendo as cannas junto a raiz para lhe chuparem o succo saccarino. A planta assim atacada morre, o succo azeda-se, e quando espremida na prensa com outras, aquella porçao torna-se em fermento que altera grande parte do succo, e não deixa cristalisar o seu assucar.

Em cada plantaçao ha porém o cuidado de ter uma pessoa empregada na caça dos ratos, e ha cães d'uma especie particular assim amestrados, que os estrangulam apenas os apanham.

Recolhe-se o succo em cubas collocadas por baixo dos cylindros que moem a canna; addiciona-se-lhe uma pequena dose de cal, para neutralisar os acidos vegetaes, e evapora-se o succo ate a cristalisaçao. Assim se obtem o assucar bruto.

Depois da cristalisaçao fica um succo que contém ainda bastante quantidade de materia saccarina. É conhecido pelo nome de *melaço*; e fazendo fermentar esta substancia, obtem-se o *whisky* e o *tafia*.

Para refinar o assucar, lança-se novamente em agua, e depois junta-se-lhe po de carvão, mui fino, albumina, ou sangue de boi; aquece-se, e a albumina coagulando-se arrastra consigo todas as materias estranhas; depois eva-

pora-se aquelle xarope, e mettido em fôrmas, ahi se cristalisa.

Como ainda contém assim pequena quantidade de melaço, para lh'o tirar, põe-se na base d'essa fôrma de assucar uma pequena camada de argila humida; a agua que se separa a pouco e pouco dissolve a camada de assucar sobre que assenta a argila; este xarope concentrado vae gradualmente, escoando-se, trazendo consigo o melaço, que depressa se forma em ponto, e escoo pela abertura.

Para refinar completamente o assucar, repete-se esta operaçao tres ou quatro vezes.

O assucar compõe-se de oxygenio, hydrogenio, e carbone elaborado pelas plantas; apesar dos progressos da chymica organica, ainda não foi possivel fazer assucar com estas tres substancias. Comtudo pode-se mudar o equilibrio d'estes elementos nos corpos, e converter assim uma substancia em outra. Pode-se por exemplo converter um pedaço de trapo em gomma, depois em assucar, depois em alcool, em acido acetico, e finalmente em acido carbonico e em agua; mas este acido carbonico e esta agua não podem tornar a compor as materias de que se extrahiram.

Ha trezentos annos vendia-se o assucar ás onças nas boticas: hoje o seu consumo é de milhares.

Os usos d'esta substancia são geralmente tão conhecidos, que basta dizer que entra na composiçao da maior parte de todos os alimentos e medicamentos.

As suas dissoluçoes ou xaropes, addicionados aos succos ou mucilagens vegetaes, formam diversos xaropes que tem extenso emprego nas pharmacias.

O assucar é solúvel na agua fria, e muito mais na quente; dissolve-se tambem nos licorres alcoolicos, mas não no alcool sem mistura de agua.

Quando se dissolve o assucar na agua e se evapora rapidamente o licor, torna-se depois pelo resfriamento em uma massa solida, transparente e de um amarello de ambar.

Se se abandona a evaporaçao livre uma dissoluçao concentrada de xarope, obtem-se bellos cristaes prismaticos, conhecidos no commercio pelo nome de *assucar candi*. Assim deitando-se fios na dissoluçao do assucar, segundos diversos feitiços que se derem a esses fios sairão cestos, flores etc.

O assucar derrete-se a cento e oitenta graus; quando se eleva a duzentos e quinze graus forma uma materia de côr e cheiro caracteristico, que se chama *caramello*.

Quando se lança assucar no cadinho em brasa toma fogo ao contacto do ar, e arde com uma chamma azulada.

Finalmente se na escuridao se esfregarem dois pedaços de assucar, ver-se-ha que se tornam phosphorescentes.

FALLECIMENTO, E ENTERRO DA RAINHA DA GRÃ-BRETANHA D. CATHERINA, QUE MORREU EM LISBOA NO SEU PALACIO DA BEMPOSTA EM QUINTA FEIRA ULTIMO DE DEZEMBRO DE 1705 DEPOIS DAS DEZ HORAS DA NOITE.

(*Extrahido de um manuscripto.*)

Adoeceu a rainha de uma colica a qual se foi aggravando com uma inflammação interna. Tempo antes d'esta enfermidade fez a rainha o seu testamento, foi approved por um tabellião em presença do conselho d'estado. A continuação dos vomitos que sobrevieram a rainha não lhe deram logar a commungar. Fizeram-se deprecações publicas pela vida da rainha, e não permittindo Deus que ellas bastassem chegou ao evidente perigo de vida; e parecendo aos medicos que a ungissem, lhe administrou este sacramento o capellão mór, Nuno da Cunha Athaide, com faculdade do arcebispo de Lisboa, D. João de Sousa, a quem tocava por o capellão mór não ter jurisdicção no palacio da rainha da Grã-Bretanha: a que assistiu o parochio, e o seu confessor que foi o unico religioso que a acompanhou até ao ultimo instante da sua vida.

El-rei D. Pedro foi assistir a rainha, e se recolheu a Alcantara depois das nove horas: ordenou que o conselho d'estado assistisse no palacio da rainha, e que tomasse as disposições necessarias se Deus dispozesse da rainha. Depois da morte da rainha logo em presença do conselho d'estado se leu o seu testamento, cuja abertura fez, por especial ordem d'el-rei, D. Thomaz d'Almeida secretario d'estado, e resolvendo-se no conselho d'estado a forma do enterro em que tambem se assentou que os officiaes da casa d'el-rei assistissem ao serviço do funeral da rainha.

Fez-se no seu paço o officio de corpo presente em que celebrou o bispo de Portalegre, eleito da Guarda, assistido dos bispos de Bonna, Hyponia, Maranhão e Algarve, cada um dos quaes cantou seu responso. De tarde todo o clero, e religiosos, e ainda os monacaes, e os que não costumam acompanhar estavam distribuidos desde o paço da Bemposta pela rua de S. Ambrosio, rua de S. José, Annunciada, portas de S. Antão, Rocio, rua dos Escudeiros, dos Ourives do oiro, Calcetaria, Côrte Real até a Esperança d'onde continuou pela estrada direita até Belém, e aos fornos de Alcantara tomou o caminho debaixo que se preparou para isso, por se desviar de passar pelo Terreiro do Paço de Alcantara em que el-rei estava. Havendo de começar o enterro tirou Manuel de Vasconcellos e Sousa, que fazia o officio de reposteiro mór, por seu irmão, o conde de Castello Melhor, o panno que cobria o caixão em que pegavam o marquez de Marialva, o conde de Sarzedas, o conde de Atalaya, o conde de S. Vicente, general da armada, o conde de Villa Verde, o conde de Alvor, o conde das Galvéas, e D. Fran-

cisco de Sousa, todos do conselho d'estado; e assim foi posto nas andas, e levado a Belém, com o acompanhamento e forma das pessoas reaes, seguido de toda a casa de sua magestade e os mesmos conselheiros de estado que levaram o caixão a liteira o tiraram em Belém para o pôrem no adro, e entregarem á irmandade da Misericordia conforme se pratica com os reis. Os principes e infantes D. Francisco e D. Antonio lhe foram deitar agua benta ao palacio da Bemposta, e acompanharam o corpo ate se meter na liteira. El-rei não foi por lhe não permitirem os achaques que padecia.

Nasceu a rainha D. Catherina a 25 de Novembro de 1638: foi baptisada na capella do duque de Bragança pelo deão Antonio de Britto: foi seu padrinho o marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, partiu de Lisboa para Inglaterra em 23 de Abril de 1662, chegou a Portsmouth em 24 de Maio, avistou-se com el-rei seu marido no 1.º de Julho do dito anno: viuvou em 16 de Fevereiro de 1685: esteve em companhia de seu marido vinte e dois annos nove mezes, e vinte dias. Chegou a Lisboa em 20 de Janeiro de 1693: morreu a 31 de Dezembro de 1705, havendo cumprido sessenta e sete annos, um mez e seis dias de idade. Foi a rainha baixa de corpo, grossa, de agradavel presença, foi bem entendida, alguma coisa severa; fallava pouco mas com boas palavras; foi grandemente esmoler, e com grande animo, e larga mão fazia este serviço a Deus. Governou este reino duas vezes com pouca accitação: a primeira quando el-rei D. Pedro passou ao exercito da Beira; e a segunda no grande impedimento da larga enfermidade do dito rei. A côrte tomou lucto por um anno, seis mezes de capa comprida, e seis alliviado, e todos os vassallos de todo o reino. Os tribunaes não tiveram despacho oito dias, porque o conselho mandou praticar tudo o que se costuma observar com os infantes de Portugal: e assim se cumpriu.

CEREMONIA DA POSSE DA SANTA SEDE. EM ROMA.

Os papas, desde S. Silvestre até ao tempo em que a santa sede foi transferida para Avinhão, fizeram sempre a sua residencia em Latrão; mas como este palacio caíra em ruinas quando Gregorio XI voltou com a santa sede para Roma, o dito papa foi habitar o Vaticano, e assim se ha continuado desde então. Nem por isso elle e os seus successores deixam de olhar S. João de Latrão como egreja sua propria, e não deixam de ir tomar posse d'ella depois da sua eleição.

Aqui vamos contar o essencial d'esta cerimonia, como se usava no seculo passado.

No dia escolhido para ella, toda a côrte se junta em S. Pedro do Vaticano, e dirigem-se em cavalgada a S. João de Latrão, pela seguinte ordem:

Um trombeta, e quatro ginetes do corpo de ligeiros rompem a marcha. Seguem-se os que levam os mantos dos cardeaes, e os maceiros com as suas maças de prata com as armas de suas eminencias; depois os gentis-homens d'estes, os seus capellães, e tambem os dos embaixadores, barões, e principes, tanto romanos, como estrangeiros. Toda esta gente vae a cavallo, por entre duas alas de soldados.

Depois dos cardeaes segue-se o estado e casa do papa. Compõe-se de quatro escudeiros trajando grandes capas encarnadas. Apoz este, marcha o alfayate da casa, que leva de cada lado dois criados, cada um com um fardo de velludo escarlata bordado a oiro, contendo os mantos de sua santidade. Marcham depois os empregados das cavalhariças, conduzindo uns pela redea muito enfeitados os mulos com que o embaixador de Hespanha presenteia annualmente o papa, pelo reino de Napoles; e outros levando tambem a redea outros mulos cobertos de velludo escarlata franjado de oiro. Depois as tres liteiras de sua santidade, de velludo encarnado, brochado de oiro. O estribeiro mór a cavallo, seguido de muitos criados a pé.

Seguem-se elegante e ricamente montados muitos gentis-homens romanos, e titulares, que marcham sem ordem, para evitar as preferencias. Os cavallos vão adornados de fitas, e cada fidalgo vae seguido dos seus lacaios.

Veem depois cinco maceiros do papa, vestidos de violete, e com maças de prata; quatorze tambores, a pé, trazendo as bandeiras dos quatorze bairros de Roma; os trombetas do papa, a cavallo, fardados de encarnado com galões de oiro; os cubicularios, trajando d'encarnado; os camaristas ou camareiros *extra-muros*, tambem de encarnado; o commissario e o fiscal, de violete; os advogados consistoriaes, de preto; os capellães, de encarnado; os camareiros secretos e honorificos, de violete; quarenta officiaes civis do povo romano, como juizes, escrivães, fiscaes, e outros, todos de becas pretas; o deão do sacro collegio á esquerda do deão da *Rota*, seguidos dos abreviadores de *Paco Majori* de um lado, e dos auditores da *Rota* do outro; os quatorze marechaes do povo romano, vestidos de setim branco; os quatorze capitães dos bairros, de velludo carmesi forrado de tela prateada; os tres conservadores, o senador, e o governador de Roma.

A este cortejo seguem-se os principes do solio, os parentes do papa, os embaixadores das testas coroadas, todos a cavallo como os precedentes.

Finalmente vem sua santidade em liteira, no meio de duas alas das suas guardas suissas. É precedido do subdiacono que leva a cruz, e mais dois mestres de ceremonias. A liteira é cercada por cincoenta gentis-homens romanos, muitos lacaios, corredores, e outros domesticos. Depois d'elles vem o camareiro mór do papa, o seu copeiro, o secretario, e o medico.

Os cardeaes que pela idade ou molestia não podem montar a cavallo dirigem-se em coche a S. João de Latrão; e os outros vão a dois e dois apoz sua santidade. Seguem-se depois os patriarchas, arcebispos, bispos, pronotarios, auditores da camara, e referendarios. As liteiras do papa, e o resto dos seus trombetas em ultimo lugar, e no couce da cavalgada duas companhias de cavallaria ligeira, fardadas de novo para esse acto.

Quando se chega a S. João de Latrão, o patriarcha, acompanhado da sua cleresia, vem receber o papa. Apresenta-lhe as chaves da igreja e o hysope, e sua santidade asperge todos os assistentes. Depois é conduzido a um throno para esse fim preparado, e os cardeaes ahi lhe vão beijar o pé, e oscular a face, como se fizera precedentemente na igreja de S. Pedro, no dia da eleição. Depois d'este acto o papa restitue as chaves ao patriarcha, e abençoa o povo, terminando assim a cerimonia.

Em tempos antigos era mais comprida. Depois do papa dar o osculo de paz nos cardeaes, faziam-no sentar n'uma cadeira, que se chamava *stercoraria*, e que se collocava á porta da igreja, e cantava-se o verseto do psalmo: *suscitat me pulvere egenum, et de stercore erigit pauperem*, porém hoje supprimiu-se esta cerimonia.

Fabula é o que dizem os inimigos da igreja romana, que se fazia sentar o novo papa n'esta cadeira para se conhecer de que sexo era; e que isto se usava por se haverem uma vez enganado na pessoa da papisa Joanna, e que por isso se chamava á cadeira *stercoraria*. Estas razões destroem-se por si mesmo: pois é facto averiguado que esta cerimonia começou em Roma um seculo antes de se inventar a fabula da tal papisa.

EXPEDIENTE.

Os senhores assignantes d'este semanario, tanto de Lisboa como das provincias, que ainda não satisfizeram a sua assignatura desde o principio do anno, e os que a não renovaram para o segundo semestre, que começou no n.º 27, tenham a bondade, aquelles de mandar pagar, e estes de a renovarem, querendo, afim de não soffrerem interrupção, apesar de já terem recebido até o n.º 29.

Publicou-se o 2.º volume, nitidamente impresso, da obra — *Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, por J. M. Pereira da Silva.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, STAMBUL, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos *Os dissipadores*, por Alfredo Hogan. — Preço 400 réis.